

<http://dx.doi.org/10.26694/pensando.v16i37.6699>

Licenciado sob uma Licença Creative Commons

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0>

DIVERSIDADE RELIGIOSA E SINCRETISMO

Religious diversity and syncretism

Paulo Estevão Cavalcanti
ABFR

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo discutir algumas dificuldades e possibilidades para lidar com o fato da diversidade religiosa para além da discussão puramente epistêmica. Para isso dividimos este trabalho em três seções: na primeira seção explicitamos os principais conceitos que permeiam a discussão sobre o tema da diversidade religiosa, na segunda seção defendemos a inadequação da perspectiva do desacordo epistêmico no tratamento do tema e na terceira e última seção apresentamos duas abordagens para lidar com a diversidade religiosa: a adoção de uma teologia apofática com o sincretismo religioso entendido de forma positiva para o desenvolvimento da religiosidade e o incentivo aos diálogos interreligiosos como forma de aproximação entre religiosidades diversas.

Palavras-chave: Diversidade Religiosa, Pluralismo Religioso, Desacordo Religioso, Sincretismo Religioso.

Abstract Abstract: This paper aims to discuss some difficulties and possibilities for dealing with the issue of religious diversity beyond the purely epistemic discussion. To this end, we have divided this paper into three sections: in the first section, we explain the main concepts that permeate the discussion on the topic of religious diversity; in the second section, we argue that the perspective of epistemic disagreement is inadequate in dealing with the topic; and in the third and final section, we present two approaches for dealing with religious diversity: the adoption of an apophatic theology with religious syncretism understood in a positive way for the development of religiosity; and the encouragement of interreligious dialogues as a way of bringing different religions closer together.

Keywords:

Keywords: Religious Diversity, Religious Pluralism, Religious Disagreement, Religious Syncretism.

1. Introdução

Grande parte da literatura atual, principalmente aquela em língua inglesa tem utilizado os termos diversidade e pluralidade, no sentido religioso, como intercambiáveis, ou como expressões sinônimas, apontando para o mesmo referente. Nesse sentido, seria importante demarcarmos como entendemos o significado de cada um desses termos para efeitos do presente trabalho. De acordo com dicionário eletrônico “Aurélio” no verbete “pluralismo” consta o seguinte:

pluralismo

[De plural + -ismo.]

Substantivo masculino

1.Filos. Admissão de uma diversidade de princípios ou de substâncias para explicar o universo. [Cf. dualismo e monismo.]

De outro lado, no verbete “diversidade”, do mesmo dicionário aparece:

diversidade[Do lat. *diversitate*.]

Substantivo feminino

1.Diferença, dessemelhança, dissimilitude.

2.Divergência, contradição; oposição.

3.Filos. Caráter do que, por determinado aspecto, não se identifica com algum outro.

4.Filos. Multiplicidade de coisas diversas.

Em termos de língua portuguesa, intuitivamente, *pluralismo*, como referido ao termo plural, parece referenciar a um conjunto de coisas iguais ou diversas entre si, embora no verbete do dicionário *Aurélio* apareça o termo diversidade. Ainda segundo nosso entendimento, a origem latina do termo *diversidade* está relacionada a diferença, contradição, oposição etc. Vale mencionar, o que afirma Martin Marty¹, sobre essa questão:

HISTORIADORES e outros estudiosos, que têm bastante dificuldade em definir a religião ou religião sobre a qual escrevem, também têm que lutar pelos significados da diversidade religiosa quando essa combinação de duas palavras é seu assunto. A diversidade como tal não representa mais um problema para os historiadores do que para os escritores de dicionários "a condição ou qualidade de ser diverso, diferente ou variado". Essa palavra em inglês está impressa desde pelo menos 1340 EC (MARTY, 2010, p. 9).

Assim, entendemos que, para efeito do presente trabalho, a expressão *diversidade religiosa* representa melhor o fenômeno que aludimos ao longo do presente texto. Isso posto, necessário se faz mencionar a que desejamos nos referir com o a expressão diversidade religiosa no contexto desse trabalho: entendemos por diversidade religiosa o fato, ou ainda o fenômeno, da existência de diferentes religiões socialmente estabelecidas, que professam crenças, realizam rituais e cultuam realidades últimas e caminhos para a realização humana específicos. Esse entendimento dialoga com a definição de religião de autores diversos, dentre eles Peter Byrne² quando afirma que:

Uma religião é um conjunto de símbolos, crenças e práticas centradas na afirmação "de que há uma realidade metafisicamente e axiologicamente final (representando o fato mais profundo sobre a natureza das coisas e também insuperavelmente grande), em relação à qual um bem supremo pode ser alcançado (BYRNE, 2010, p. 29).

O fato da diversidade religiosa significa que diversas religiões estão divergindo entre si em termos da natureza da realidade última e dos seres humanos e sobre o caminho verdadeiro que eles devem seguir para atingir o bem maior. O termo pluralismo, também utilizado nesse trabalho, será utilizado no sentido de uma das atitudes frente ao fato da diversidade religiosa, levando em conta a trilogia tradicional que enumera o exclusivismo, o inclusivismo e o pluralismo como atitudes em relação à competição entre os diversos credos em torno da verdadeira religião.

Apesar do fato de que as religiões não constituem teorias, de certa forma, elas implicam teorias ou explicações sobre a natureza da realidade última e sobre a natureza do bem último para os seres humanos. Embora existam afinidades entre porções dessas

¹ Tradução nossa. No original: HISTORIANS and other scholars, who have enough difficulty defining the religious or religion about which they write, also have to wrestle over the meanings of religious diversity when that combination of two words is their subject. Diversity as such represents no more of a problem to historians than it does to dictionary writers: "the condition or quality of being diverse, different, or varied." That English word has been in print since at least 1340 CE.

² Tradução nossa. No original: A religion is a set of symbols, beliefs, and practices centered on the affirmation "that there is a reality metaphysically and axiologically ultimate (representing the deepest fact about the nature of things and also unsurpassably great), in relation to which an ultimate good can be attained.

explicações entre duas ou mais teorias, existem contradições massivas entre as principais religiões socialmente estabelecidas.

Dada a existência desse conflito cresce a dificuldade de julgar qual dos participantes dessas religiões possui crenças garantidas. Garantia aqui tomada no sentido da posse de bases indicativas de verdade para essas crenças. Nesse caso, será impossível afirmar que ambos os conjuntos de crenças são verdadeiros.

2. Diversidade religiosa

De acordo com (D’COSTA, 2010), a diversidade religiosa já existia no início do cristianismo, uma vez que teve seu nascimento confrontado com uma multiplicidade de religiões e cultos. Durante esse período e nos séculos seguintes, três atitudes foram importantes na construção das bases teológicas do que hoje é o cristianismo: a primeira foi a ênfase na fé em Cristo como meio para a salvação, o que moldou a característica missionária do cristianismo, consagrada na fórmula *extra ecclesiam nulla salus*³.

A segunda atitude originou-se da recepção da filosofia grega pelo ocidente que suscitou a ideia de que nela estavam contidas verdades sobre a revelação. Essa ideia resultou no desenvolvimento de três teorias de grande importância para explicar a sabedoria pagã: a *prisca teologia* (teologia antiga), a *preparatio evangélica* (preparação para o evangelho) e *semina verbi* (sementes da palavra). Essas teorias sustentavam que as civilizações grega e romana já estavam, de alguma forma no caminho da revelação cristã.

A terceira atitude está relacionada ao problema do “direito de Israel” à salvação, isto é, poderiam os judeus anteriores à revelação de Cristo, também serem elegíveis para a salvação por meio de Cristo? A solução desse problema suscitou a ideia do *limbus partum*⁴, que admitia o direito à salvação para aqueles que morreram antes de Cristo. Essa ideia foi posteriormente estendida para todos as demais pessoas, além dos judeus. Durante a idade média prosseguiu a difusão do ensinamento de que sem Cristo e sua igreja não existiria salvação.

Ainda de acordo com D’Costa, a modernidade foi marcada por profunda descontinuidade no mapa da teologia cristã em razão de cinco fatores: o primeiro teria sido o vigoroso movimento de secularização da Europa. Esse movimento foi em parte o produto da criação dos estados nacionais, quando a identidade pessoal passou a ser relacionada à nacionalidade e não mais a religião professada. O segundo fator estaria relacionado à perda de confiança na religião ocasionada pelos horrores vividos pelas pessoas durante as duas guerras mundiais. O terceiro fator foi a ocorrência do holocausto, levado a efeito pelo antissemitismo que suscitou suspeitas e críticas à atitude, ou à falta dela, das demais religiões incluindo os cristãos. O quarto fator está associado à crítica à atividade missionária do ponto de vista da modernidade secular que responsabilizava essas atividades pela destruição de culturas antigas e primitivas. Finalmente o quinto e último fator foi o surgimento de uma nova atitude com relação à diversidade religiosa e o pensamento pluralista daí derivado de que todas as religiões possuiriam o mesmo status positivo.

Embora a discussão teológica atual, em alguns casos, ainda reflita questões com relação à ideia da salvação e seus beneficiários, D’Costa acredita que o desenvolvimento atual da Teologia tem caminhado no sentido de considerar as religiões não cristãs em seus próprios termos, com suas próprias posições a respeito de fins e meios que devem ser respeitados de tal forma que essas religiões não sejam vistas apenas como formas variantes deficientes de cristianismo.

Nesse sentido afirma que⁵:

³ Podemos traduzir essa fórmula por: “Não há salvação fora da igreja”.

⁴ Limbo dos pais

⁵ Tradução nossa. No original: “Much of the modern debate is affected by the extent to which modernity has shaped theology. It is, of course, impossible simply to resort to premodern thinking, but the pervasive influence of pluralism is indicative of this methodology issue. There is room for both a theology of religions (which attends

Grande parte do debate moderno é afetado pela extensão em que a modernidade tem moldado a teologia. É claro que é impossível simplesmente recorrer ao pensamento pré-moderno, mas a influência penetrante do pluralismo é indicativa dessa questão metodológica. Há espaço tanto para uma teologia das religiões (que atende às dogmáticas gerais e determina os parâmetros dentro dos quais a investigação pode continuar) quanto para uma teologia com e para religiões específicas (o budismo é muito diferente do islamismo e cada uma é inteiramente diversa). Nessa última área, há também uma profunda exigência de que historiadores das religiões, fenomenólogos e sociólogos trabalhem com teólogos de forma interdisciplinar. (D'COSTA, 2010, pp. 150-151).

Runzo (2010, pp. 64-65) afirma que cada religião envolve crenças de dois níveis: (1) meta crenças sobre o acesso à realidade última, (2) crenças sobre a natureza dessa realidade última e como ela fornece significado à vida. Segundo ele, as crenças do primeiro nível, em termos gerais, são compartilhadas por várias religiões estabelecidas; as crenças do segundo nível, entretanto, são objeto de conflito entre elas. Essa oposição resulta em diferentes formas de lidar com a diversidade religiosa.

Em um dos extremos estariam a posição que entende todas as religiões como erros, sendo as crenças do primeiro nível de todas elas falsas e de outro lado o relativismo que acredita que todas as religiões são verdadeiras dentro dos seus respectivos contextos. Entre estes dois extremos existem posições intermediárias como exclusivismo religioso que reconhece apenas uma religião como verdadeira, sendo todas as demais, falsas e as respostas pluralistas que seriam: o pluralismo religioso que acredita que todas as religiões são corretas e cada uma delas oferece um caminho diferente de salvação ou libertação e uma perspectiva parcial da realidade última, e o inclusivismo religioso que afirma existir apenas uma religião totalmente correta com as demais religiões revelando verdades parciais da religião considerada correta. Para esse autor existem ainda as respostas relativistas: o subjetivismo religioso que afirma serem corretas todas as perspectivas individuais com o reconhecimento do benefício para as pessoas que assim procedem, e o relativismo religioso que entende existir pelo menos uma religião correta e as afirmações de cada religião são relativas à visão de mundo de seus aderentes. Por fim, existiria a resposta não exclusivista fideísta, conhecida como “henofideísmo, na qual uma pessoa possui um comprometimento de fé de que sua religião lhe permite acesso a Deus de forma eficaz e que outras religiões podem possuir a mesma eficácia para os seus participantes.

Algumas pessoas acreditam que o exclusivismo religioso deveria ser chamado de exclusivismo religioso redentor (MOSER, 2010, pp. 79-80), denominação essa que se refere à redenção ou salvação humana por meio da ação divina, isto é, algumas religiões são redentoramente exclusivas. Nesse sentido, o exclusivismo redentor possuiria duas variações: o exclusivismo redentor programático e o “exclusivismo redentor pessoal”. O primeiro estabelece que alguns programas para a redenção religiosa excluem outros programas. Um exemplo de programas de redenção excludentes seriam, por exemplo, a doutrina cristã de que a salvação dependeria da graça divina em oposição àquela do judaísmo que afirma que a redenção seria obtida por meio de uma existência baseada na estrita obediência à lei judaica. A segunda variação, o exclusivismo redentor pessoal, afirma que, dadas certas religiões, algumas pessoas são excluídas da divina redenção ou salvação.

Moser (2010, p. 85) identifica o exclusivismo inclusivo, que representa a posição de que a salvação humana é inerentemente cristológica, mediada por Jesus Cristo. Essa salvação, entretanto, poderia ser *de re*, sem que fosse *de dicto* na existência humana

to general dogmatic questions and determines the parameters within which inquiry can continue) and a theology with and for specific religions (Buddhism is very different from Islam, and each is internally diverse). In this latter area, there is also a profound requirement for historians of religions, phenomenologists, and sociologists to work with theologians in an interdisciplinary fashion. Through these investigations, Christians might also learn how most effectively to present the gospel of Jesus Christ, who is good news to Jews and Gentiles, religious and nonreligious people.

terrena. Isso significa que, mesmo a salvação sendo alcançada pela mediação de Cristo, não é requerido que o destinatário final da salvação deva concordar ou aceitar essa mediação na vida terrena. Essa posição contrasta com uma outra conhecida como “exclusivismo doxástico”, cujo exemplo seria o credo atanasiano⁶, que considera falsa qualquer doutrina de redenção que omite Jesus Cristo como o único mediador divino para a redenção. De fato, esse credo afirma que se uma pessoa não acredita de forma real na fé trinitária cristã então essa pessoa não será salva.

King (2008, pp. 832-833) defende uma tipologia entre estas atitudes baseadas em pontos de vista diferentes sobre a salvação e sobre a doutrina. Com referência aos pontos de vista sobre a salvação, afirma que o exclusivismo soteriológico é a visão de que a salvação está disponível apenas para os adeptos da religião de origem e que o pluralismo soteriológico é a visão de que todas as religiões tornam a salvação disponível. O inclusivismo soteriológico, por seu turno, é a afirmação de que a salvação pode estar disponível fora da religião doméstica, por exemplo, com base em uma revelação pessoal, conhecimento inato da Realidade Suprema, revelação geral ou mesmo por meio da mediação de alguma outra religião, embora defenda que a religião que ele professa seja o caminho mais confiável para a salvação.

Com relação ao ponto de vista doutrinal, (KING, N., 2008, pp. 833-834) identifica o exclusivismo doutrinal como a defesa da posição de que as doutrinas religiosas da religião de origem são verdadeiras enquanto as demais são falsas, entretanto, não reconhece uma posição inclusivista única em relação à doutrina. De acordo com ele, diversas objeções são levantadas em desfavor desse tipo de exclusivismo que podem ser classificadas em quatro grupos: objeções morais, paridade transformacional, acidentes de nascimento, e desacordo e paridade epistêmica.

A primeira classe de objeções se refere às acusações de imperialismo, opressão, arrogância, egotismo e arbitrariedade contidas na atitude exclusivista; o segundo grupo de objeções diz respeito à ideia, não comprovada, de que uma religião possui vantagens em termos de obtenção de transformações positivas nos participantes de uma determinada religião em relação às demais. A terceira classe de objeções aborda a questão da assimetria contida na posição exclusivista com relação ao acidente histórico do nascimento do crente em determinada região em que um credo e não outro é dominante, isto é, a ideia defendida pelos exclusivistas de que os crentes de uma determinada religião não terão acesso à salvação, desprezando o fato destes não serem culpados por terem nascido em uma região onde um outro credo é dominante; Por fim, há o grupo de objeções relacionados ao conceito de paridade epistêmica. Essa objeção afirma não possuímos meios de afirmar que uma determinada religião é mais verdadeira que a outra, uma vez que não possuímos nem a escala nem os instrumentos adequados para construir essas comparações.

Mesmo imaginando um critério pragmático baseado nos frutos das religiões em termos transformacionais, ainda assim não é possível uma comparação desse tipo, visto que os aspectos doutrinários das diversas religiões socialmente estabelecidas apontam para diferentes critérios de sucesso no que se refere à realização humana. Ainda que estabelecêssemos critérios morais como métrica para avaliar a verdade de uma determinada religião ainda seria uma tarefa complexa, visto que as diversas religiões predominantes em contextos culturais diversos têm atribuído diferentes valores morais a situações históricas específicas.

⁶ O credo de Santo Atanásio é aceito pela Igreja Católica, Ortodoxa e pelas principais igrejas protestantes, dentre elas a Igreja Anglicana. É Composto de 40 artigos e foi escrito para refutação da heresia ariana e a defesa da doutrina da Santíssima Trindade e da Consubstancialidade do Filho.

3. Desacordo religioso

Uma posição recente na epistemologia é a de que os conflitos entre opiniões antagônicas ou diversas sobre uma mesma questão podem ser resolvidos com os recursos e atitudes previstas em casos tematizados como desacordos epistêmicos. Entendemos como desacordo epistêmico a situação na qual duas ou mais pessoas possuem atitudes doxásticas diferentes, tais como: crença, descrença ou suspensão do juízo, em relação a determinada proposição.

O desacordo epistêmico pressupõe:

1. Paridade Epistêmica: deve ocorrer entre pares epistêmicos que se reconhecem como tal, isto é que possuem as mesmas capacidades intelectuais, conhecimentos semelhantes sobre o tema do desacordo etc.
2. Igualdade evidencial: os pares compartilham o corpo de evidências, ou seja, as informações relevantes relacionadas à proposição em disputa foram expostas.

Em resumo, duas ou mais pessoas são pares epistêmicos quando estão em igualdade no que se refere à inteligência, capacidade de raciocínio e informação de fundo. Além disso, o desacordo entre pares requer que as evidências de cada uma das partes devam ser públicas. Nessa situação, duas pessoas são pares epistêmicos se atendem a estes requisitos e uma delas crê em uma proposição e a outra nega essa mesma proposição. Esse desacordo é racional se existe a discordância e ambos os litigantes se consideram justificados em sua crença. Assim, se somos confrontados com outros que detêm as mesmas capacidades intelectuais e as mesmas evidências nossas com respeito às crenças, em princípio, essa situação poderia reduzir nossa justificação das crenças que possuímos, podendo nos levar à suspensão do juízo sobre essas crenças e no limite ao agnosticismo.

Considerando essa caracterização de desacordo epistêmico, podemos resolver os desacordos por essa via? Em princípio devemos levar em consideração que o desacordo religioso entendido no âmbito da diversidade religiosa não se refere a uma ou mais proposições discordantes, mas a um conjunto complexo de crenças interligadas e resultantes de modos variados de obtê-las.

Além disso, um dos problemas de lidar com o desacordo religiosa decorre na dificuldade de estabelecer a natureza da evidência que cada um dos pares possui sobre um ou mais temas em questão, isto é, como é possível decidir qual a evidência mais probatória o que dificulta muitas vezes a escolha de qual das evidências devemos atribuir maior peso na solução do desacordo. Dificuldade adicionais surgem para definir os critérios para escolha de quem pode contar como um par epistêmico ou se a existência da diversidade religiosa forneceria algum aspecto particular que permitisse uma comparação entre a visão religiosa dos contendores.

O relativismo tem sido apontado como uma alternativa para a solução do problema do desacordo no âmbito religioso, alegando que duas proposições contraditórias podem estar ambas corretas e cada um dos pares deveria manter a sua própria crença uma vez que a verdade delas seria contextualizada e relativizada para cada situação particular. Dessa forma, o desacordo seria inexistente, contudo, a simples negação do desacordo não parece uma alternativa aceitável do ponto de visto epistêmico.

Uma outra solução possível com relação ao desacordo no âmbito religioso seria a manutenção de um razoável desacordo em virtude da impossibilidade de recorrer a evidências de ordem superior, devido ao fato de que verdades nesse domínio são ocultas, não permitindo gerar evidências de veracidade para toda população ou para uma determinada população. A suspensão das crenças, nesse caso, não parece a melhor opção porque implicaria uma suspensão indefinida de ações associadas a essas crenças com prejuízos evidentes para os respectivos crentes. Essa solução, contudo, estaria sujeita também a um desacordo do desacordo razoável.

De toda forma, devemos ter em mente que a formação de crenças não é um processo voluntário, é possível que mantenhamos crenças por uma série de motivos e que

podemos manter algumas crenças mesmo em uma situação de desacordo epistêmico. Nesse sentido, parece interessante a posição de (Elgin, 2013), quando afirma:

A crença não é voluntária. A crença visa a verdade no sentido de que uma crença é defeituosa se o seu conteúdo não for verdadeiro. Se acreditarmos que fosse algo que poderíamos fazer ou abster-nos de fazer à vontade, a conexão com a verdade seria cortada (ELGIN, 2013, p. 60).⁷

E, mais adiante:

Uma vez que as crenças não são voluntárias, um agente epistêmico não pode, mesmo que por criteriosa avaliação, fazer com que ele mantenha ou diminua seu grau de crença, ou suspender a crença diante da discordância. Ele pode, no entanto, ser capaz de afetar suas respostas indiretamente (ELGIN, 2013, p. 62).⁸

Elgin (2013) sugere que as questões sobre desacordo são melhor entendidas como dizendo respeito a aceitação mais que sobre crença e que manter determinadas proposições mesmo sujeitos à desacordo pode ser racional.

Desenvolvimentos recentes da epistemologia tem proposto uma maneira de pensar sobre divergências profundas que tem suas raízes em (WITTGENSTEIN, 2012). Um ponto destacável nessa obra é a ideia de que na avaliação racional de uma crença como justificada devem ser levados em consideração os pressupostos fundamentais constituídos pelos *compromissos de dobradiça* que significam pressupostos fundamentais da visão de mundo

Discordâncias metafísicas sobre a existência de Deus ou cosmovisões diversas como aquelas do hinduísta vs teísta ou do budista vs judeu, entre outras, parecem candidatas naturais a desacordos profundos baseados em diferentes *compromissos de dobradiça* pressupostos pelas partes. Devemos reconhecer, no entanto, que a *epistemologia das dobradiças* ainda é tema de grandes controvérsias, entretanto, abre novas possibilidades para pensar questões mais complexas sobre a justificação e racionalidade das crenças religiosas em presença da diversidade religiosa. De toda forma, nos parece que a discordância religiosa não parece adequar-se a uma solução pela via da *desacordo epistêmico* na forma como é proposto atualmente a partir de pares epistêmicos ideais.

O que essas considerações sobre a diversidade religiosa nos dizem sobre o futuro? A roda da história nos sinaliza para uma convergência entre os vários credos ou a situação atual das religiões socialmente estabelecidas apontam para uma situação onde existirão apenas ilhas de pensamento religioso anquilosados que não acompanharão os desenvolvimentos de outras manifestações culturais humanas? Na próxima seção analisaremos algumas tendências com relação ao futuro da diversidade religiosa.

3. Diversidade religiosa e o futuro das religiões

A reflexão sobre o futuro de qualquer aspecto cultural humano passa pela análise do passado, de forma que se possa delinear alguma tendência, essa situação não é diferente para a religião. Para compreendermos o futuro da diversidade religiosa precisamos recorrer a dados do passado, é o que faremos a seguir, a partir da religião cristã.

⁷ Tradução nossa: Belief is not voluntary. Belief aims at truth in the sense that a belief is defective if its content is not true. If believe were something we could do or refrain from doing at will, the connection to truth would be severed (ELGIN, 2013, p. 60).

⁸ Tradução nossa: Since beliefs are not voluntary, an epistemic agent cannot, even through judicious assessment, bring it about that she retains, or lowers her degree of belief, or suspend belief in the face of disagreement. She may, however, be able to affect her responses indirectly (ELGIN, 2013, p. 62).

Desenvolvimentos recentes no estudo da diversidade religiosa consideram a ideia de que o sincretismo religioso representa importante papel no surgimento das variações que resultam em mudanças significativas na identidade de doutrinas religiosas constituídas. (ROSE, 2013, p. 76) afirma que até recentemente, o vocábulo sincretismo era geralmente utilizado por antropólogos no sentido de aculturação, que vem a ser um processo de síntese a partir da interação entre duas culturas.

Essa noção, porém, segundo esse autor não deve ser confundida com estratégias missionárias de inculturação⁹, contextualização, acomodação e indigenização¹⁰, que são tentativas de expressar ideias religiosas supostamente normativas nos idiomas de outra tradição religiosa. Para (ROSE, 2013, p. 73), o pluralismo, implica uma desparticularização¹¹ de todas as tradições religiosas, uma vez que representa o fim de um processo que tem início com o hibridismo religioso; esses processos de mudança religiosa podem ser vistos como partes de um processo maior de sincretismo. De fato, para Rose, o hibridismo religioso dá origem a novas identidades religiosas e a desparticularização, prepara o terreno substituindo antigas, por novas identidades.

Nesse sentido, acredita que o pluralismo se apresenta como o futuro da religião e afirma que, nesse processo, o sincretismo desempenha importante papel na ascensão e queda dos ensinamentos e identidades religiosas. De fato, (ROSE, 2013, pp. 9-10) afirma que a diversidade religiosa é algo inevitável em virtude da mudança como característica de todas as atividades, atitudes e pensamentos humanos, em outras palavras, em razão das mudanças culturais próprias à nossa condição humana. Nesse sentido, as religiões vão se modificando ao longo do tempo de forma a gerar sínteses inovadoras de ideias e práticas religiosas. Esse processo fornece suporte à ideia defendida por esse autor de que o futuro da religião em geral é o que ele denomina de pluralismo apofático, baseado na negação de afirmações religiosas que, à medida em que o processo de sincretismo evolui, vão perdendo suas credenciais de verdades universais e substituídas por outras reflexões adequadas à nova face do movimento religioso resultante do sincretismo.

Como tendência também recente, inclusivistas e pluralistas religiosos tem proposto novas formas de interação religiosa e intensificado esforços no sentido de incentivar o conhecimento de outras religiões por meio de diálogos interreligiosos. Essa situação constitui desdobramentos dos aspectos epistemológicos da diversidade religiosa para questões práticas envolvendo aspectos sociais e políticos, como sói acontecem em questões que envolvem dimensões importantes da vida humana.

Na ausência de uma solução possível para o problema da diversidade religiosa, alguns autores têm defendido uma convivência harmoniosa entre os diversos credos em um mundo cada vez mais plural e integrado, graças aos avanços tecnológicos da chamada modernidade, o que nos conduz ao tema das propostas de relações interreligiosas pautadas em princípios de respeito, abertura e acolhimento para com o outro, o estrangeiro, aqui entendido como aquele que é externo ao contexto cultural e religioso dominante.

Embora não seja totalmente inovadora, a tentativa de estabelecer diálogos interreligiosos tem se tornado uma forma de aproximar os crentes de diversas matizes religiosas em torno de aspectos coincidentes nas diversas doutrinas orientadoras das diferentes comunidades religiosas como meio de construir consensos em questões importantes para o desenvolvimento espiritual humano e para a prevenção de atitudes intolerantes em relação a diversidade que podem gerar incompreensão, intolerância e mesmo violência religiosa, próprias de um mundo global, em que as pessoas estão permanentemente em contato com participantes de culturas diversas e espectros religiosos variados, seja em virtude de viagens com o intuito de lazer ou negócios, seja em

⁹ É a aquisição de preceitos, hábitos e da cultura por um povo dominado.

¹⁰ Fenômeno de adaptação em um povo de um princípio de valor humano que lhe foi pregado ou ensinado, ou incutido.

¹¹ Rose entende desparticularização como o processo por meio do qual uma tradição religiosa se desfaz paulatinamente na medida em que se adapta às mudanças culturais. Para ele esse movimento é inevitável em virtude das mudanças culturais que ocorrem ao longo do tempo.

função de ondas de refugiados em fuga de seus locais de origem, em virtude de conflitos ou mesmo de situações de pobreza extrema.

Atualmente as propostas de diálogos religiosos não se conformam apenas a conversas informais entre participantes de credos diferentes, mas envolve formas e mecanismos diversos como cita (KING, S., 2010, pp. 101-102):

1. Diálogo oficial ou institucional entre representantes das respectivas religiões;
2. Diálogo em estilo parlamentar em que líderes religiosos apresentam aspectos religiosos importantes de suas respectivas religiões, sob a forma de fórum;
3. Diálogo verbal com objetivo de conhecer melhor a doutrina, a filosofia, a teologia etc. de outras religiões;
4. Visitação recíproca entre membros de comunidades religiosas diferentes;
5. Diálogo espiritual com aprendizagem e engajamento em práticas de outras religiões, envolvendo formas de culto, rituais etc.;
6. Diálogo prático com o intuito de levar adiante um projeto concreto na comunidade ou no mundo em parceria com outras comunidades religiosas;
7. Diálogo interno, em que um indivíduo conversa consigo mesmo sobre duas religiões as quais esteve exposto em alguma profundidade e por um tempo razoável.

Ainda de acordo com King (2010, pp. 106-107), o sucesso do diálogo religioso pressupõe a observância de alguns princípios ou requerimentos, tais como:

1. Ouvir o que o outro tem a dizer;
2. Boa habilidade de comunicação;
3. Conhecimento tão profundo quanto possível da religião do parceiro de diálogo;
4. Não entrar no diálogo com intenção ou desejo de converter seu interlocutor;
5. Despir-se de preconceitos para com o seu parceiro de diálogo;
6. Cada parte do diálogo deve respeitar igualmente os demais;
7. Cada parte do diálogo deve falar de si mesmo(a), não deve falar o que os outros pensam ou acreditam;
8. Quando comparando religiões, cada parte deve atentar para que as comparações sejam feitas entre ideais ou entre realidades dessas religiões. Não deve tentar comparar ideais de uma religião com a realidade da outra religião.
9. Cada parte deve estar preparada para fazer autocrítica com relação à sua própria religião, considerando que as religiões são instituições humanas e estão sujeitas a falhas e contradições. As partes não devem se posicionar de forma defensiva.

Em termos teóricos os defensores dos diálogos interreligiosos frequentemente se apoiam na filosofia hermenêutica, que possui seu grande expoente contemporâneo em Hans-George Gadamer, que parte do princípio de que, inicialmente, devemos reconhecer que o diálogo parte de perspectivas particulares dos envolvidos, a partir da língua, cultura e religião diferentes; de fato, para Gadamer:

A conversação é um processo do acordo. Toda verdadeira conversação implica nossa reação frente ao outro, implica deixar realmente espaço para seus pontos de vista e colocar-se no seu lugar, não no sentido de querer compreendê-lo como essa individualidade, mas compreender aquilo que ele diz. Importa respeitar o direito objetivo de sua opinião, a fim de podermos chegar a um acordo em relação ao assunto em questão. Não relacionamos sua opinião, portanto, com sua própria individualidade, mas com nossa própria opinião e suposição. Quando o outro é visto realmente como individualidade, como ocorre no diálogo terapêutico ou no interrogatório de um acusado, ali não se dá verdadeiramente uma situação de acordo (HANS-GEORG GADAMER, 1997, p. 499).

Importa enfatizar, como parece óbvio, que o diálogo interreligioso não reduz ou elimina o problema da diversidade religiosa, mas contribui para a aceitação da diversidade, no sentido de permitir uma convivência harmoniosa entre crentes de diferentes comunidades religiosas, isto é, como profilaxia à ocorrência de conflitos.

Uma outra questão importante, que juntamente com o diálogo favorece o convívio religioso, é a forma pela qual os nacionais de um país acolhem indivíduos estrangeiros com diferentes orientações religiosas e consequentemente com rituais e práticas religiosas diversas. Essa questão é importante em um mundo globalizado em que correntes migratórias são uma realidade cada vez mais presente, em virtude de guerras e desigualdades socioeconômicas entre regiões em nosso planeta.

Griffiths (2010, pp. 117-125) enumera as seguintes respostas mais comuns a estrangeiros religiosos que passam a se inserir em um outro espaço religioso: domesticar, evitar ou separar, tolerar ou o abraço do amor. A domesticação consiste em um conjunto de atitudes e ações com o objetivo de separá-lo de sua comunidade religiosa original e torná-lo membro da comunidade em que é considerado estrangeiro, deixando nesse processo a condição de estrangeiro. Essa é basicamente a ação dos missionários e parece ser a mais comum das atitudes em relação aos estrangeiros religiosos. A atitude de evitar ou separar pode se apresentar em graus diversos, mas a forma mais comum é a rejeição de qualquer tipo de contato seja físico, visual ou verbal. O objetivo nesse caso é remover o rejeitado de sua presença e pensamento, chegando no limite a privá-lo de sua própria existência de forma permanente.

A tolerância para com os estrangeiros no mundo moderno é entendida como uma virtude cívica, em um esforço para conviver com algo que desagrade; normalmente é um ato de poderosos para com os impotentes, concedendo-lhes um espaço que não podem ocupar por si mesmos. Por fim, a atitude de abraçar com amor, representa uma atitude puramente religiosa ao aceitá-los como um presente em virtude mesmo de sua alteridade; para isso é exigida principalmente uma profunda modéstia epistêmica, no sentido de os acolhedores aceitarem suas próprias limitações para discernir o que está certo ou errado nas crenças do estrangeiro religioso.

4. Considerações finais

Uma reflexão importante é aquela sobre o que futuro nos reserva em termos de religião, como importante atividade humana. Para onde caminhamos? veremos um crescimento do exclusivismo radical com as dificuldades observadas ao longo da história ou presenciaremos uma abertura maior ao inclusivismo religioso, que se por um lado permitiria uma maior aproximação com as diferenças poderia ou não fornecer a garantia de uma convivência harmoniosa, ou ainda, em que medida o pluralismo como atitude frente à diversidade religiosa poderá evoluir, no sentido de acompanhar o exemplo de outras atitudes humanas em dimensões da vida como a política ou os hábitos culturais. Talvez tenhamos ciclos de avanços e retrocessos em relação ao pluralismo, como tem acontecido na história de algumas formas de teísmo cristão, com relação ao respeito à outras formas e expressões religiosas. Apesar de tudo a construção do futuro demanda um olhar mais abrangente sobre o fenômeno religioso em tempos de um mundo globalizado.

Referências

Byrne, P. (2010). A philosophical approach to questions about religious diversity. In C. Meister (Ed.), *The Oxford handbook of religious diversity* (pp. 29–41). Oxford university press.

- D'Costa, G. (2010). Theology amid religious diversity. In C. Meister (Ed.), *The Oxford handbook of religious diversity* (pp. 142–153). Oxford university press.
- Elgin, C. Z. (2013). Persistent Disagreement. In *Disagreement* (pp. 53–68).
- Griffiths, P. J. (2010). The religious alien. In C. Meister (Ed.), *The Oxford handbook of religious diversity* (pp. 115–126). Oxford university press.
- Hans-Georg Gadamer. (1997). *Verdade e método: Vol. I* (5ª). Editora Vozes.
- King, N. L. (2008). Religious Diversity and its Challenges to Religious Belief. *Philosophy Compass*, 3(4), 830–853. <https://doi.org/10.1111/j.1747-9991.2008.00149.x>
- King, S. B. (2010). Interreligious dialogue. In C. Meister (Ed.), *The Oxford handbook of Religious Diversity* (pp. 101–114). Oxford University Press.
- Marty, M. E. (2010). Historical Reflections on religious diversity. In C. Meister (Ed.), *The Oxford handbook of religious diversity* (pp. 9–20). Oxford University Press.
- Moser, P. K. (2010). Religious exclusivism. In C. Meister (Ed.), *The Oxford handbook of Religious Diversity* (pp. 77–88). Oxford University Press.
- Rose, K. (2013). *Pluralism: the future of religion*. Bloomsbury Publishing.
- Runzo, J. (2010). Pluralism and relativism. In C. Meister (Ed.), *The Oxford handbook of Religious Diversity* (pp. 61–76). Oxford university press.
- Wittgenstein, L. (2012). *Da Certeza* (1ª). Edições 70.

Doutor em Filosofia (UnB, 2023)
Membro da Diretoria (ABFR)
E-mail: paulovestevao@gmail.com